

RiMe

Rivista dell'Istituto
di Storia dell'Europa Mediterranea

ISBN 9788897317661

ISSN 2035-794X

numero 8/III n.s., giugno 2021

**Breves notas sobre as cartas lisboetas
de Filippo Sassetti (1578-1583)**

Brief notes about the Lisbon letters
of Filippo Sassetti (1578-1583)

Rui Loureiro

DOI: <https://doi.org/10.7410/1477>

Istituto di Storia dell'Europa Mediterranea
Consiglio Nazionale delle Ricerche
<http://rime.cnr.it>

Special Issue

Portugal na escrita dos Italianos
(sécs. XVI-XVIII)

Portugal in the writings of Italians
(16th-18th centuries)

Organizado por / Edited by

Nunziatella Alessandrini - Mariagrazia Russo
- Gaetano Sabatini

Direttore responsabile | Editor-in-Chief

Luciano GALLINARI

Segreteria di redazione | Editorial Office Secretary

Idamaria FUSCO - Sebastiana NOCCO

Comitato scientifico | Editorial Advisory Board

Luis ADÃO DA FONSECA, Filomena BARROS, Sergio BELARDINELLI, Nora BEREND, Michele BRONDINO, Paolo CALCAGNO, Lucio CARACCILO, Dino COFRANCESCO, Daniela COLI, Miguel Ángel DE BUNES IBARRA, Antonio DONNO, Antonella EMINA, Vittoria FIORELLI, Blanca GARÌ, Isabella IANNUZZI, David IGUAL LUIS, Jose Javier RUIZ IBÁÑEZ, Giorgio ISRAEL, Juan Francisco JIMÉNEZ ALCÁZAR, Ada LONNI, Massimo MIGLIO, Anna Paola MOSSETTO, Michela NACCI, Germán NAVARRO ESPINACH, Francesco PANARELLI, Emilia PERASSI, Cosmin POPA-GORJANU, Adeline RUCQUOI, Flocel SABATÉ i CURULL, Eleni SAKELLARIU, Gianni VATTIMO, Cristina VERA DE FLACHS, Przemysław WISZEWSKI.

Comitato di redazione | Editorial Board

Anna BADINO, Grazia BIORCI, Maria Eugenia CADEDDU, Angelo CATTANEO, Isabella CECCHINI, Monica CINI, Alessandra CIOPPI, Riccardo CONDRÒ, Alberto GUASCO, Domenica LABANCA, Maurizio LUPO, Geltrude MACRÌ, Alberto MARTINENGO, Maria Grazia Rosaria MELE, Maria Giuseppina MELONI, Rosalba MENGONI, Michele M. RABÀ, Riccardo REGIS, Giovanni SERRELI, Giovanni SINI, Luisa SPAGNOLI, Patrizia SPINATO BRUSCHI, Giulio VACCARO, Massimo VIGLIONE, Isabella Maria ZOPPI.

Responsabile del sito | Website Manager

Claudia FIRINO

© Copyright 2021: Author(s)

Gli autori che pubblicano con *RiMe* conservano i diritti d'autore e concedono alla rivista il diritto di prima pubblicazione con i lavori contemporaneamente autorizzati ai sensi della

Authors who publish with *RiMe* retain copyright and grant the Journal right of first publication with the works simultaneously licensed under the terms of the

“Creative Commons Attribution - NonCommercial 4.0 International License”.



RiMe. Rivista dell'Istituto di Storia dell'Europa Mediterranea (<http://rime.cnr.it>)

Direzione e Segreteria | Management and Editorial Offices: via G.B. Tuveri, 128- 09129 Cagliari (I).

Telefono | Telephone: +39 070403635 / 070403670.

Invio contributi | Submissions: rime@isem.cnr.it

RiMe 8/III n.s. (June 2021)

Special Issue

Portugal na escrita dos Italianos (sécs. XVI-XVIII)

Portugal in the writings of Italians (16th-18th centuries)

Organizado por / Edited by

Nunziatella Alessandrini - Mariagrazia Russo - Gaetano Sabatini

Table of Contents / Indice

Nunziatella Alessandrini - Mariagrazia Russo - Gaetano Sabatini <i>Introdução / Introduction</i>	7-9
Cecilia Veracini <i>Uso e commercio degli animali non umani nell'espansione portoghese (secoli XV e XVI): le testimonianze dei viaggiatori italiani / Use and trade of non-human animals in Portuguese overseas expansion (15th and 16th centuries): Evidence from Italian travellers</i>	11-42
Nunziatella Alessandrini <i>Vincenzo Tron e Girolamo Lippomani: a Lisboa de Quinhentos em espelho / Vincenzo Tron and Girolamo Lippomani: the 16th century Lisbon in the mirror</i>	43-61

Rui Loureiro	63-81
<i>Breves notas sobre as cartas lisboetas de Filippo Sassetti (1578-1583) / Brief notes about the Lisbon letters of Filippo Sassetti (1578-1583)</i>	
Luís Costa e Sousa	83-112
<i>Portugal 1580: o itinerário gráfico de Stefano Angarano / Portugal 1580: Stefano Angarano's graphic itinerary</i>	
João Cabeleira	113-144
<i>Visão da paisagem seiscentista portuguesa através das vedute de Pier Maria Baldi e da Relazione ufficiale de Lorenzo Magalotti / A view of the 17th century Portuguese landscape through the vedute by Pier Maria Baldi and the Relazione ufficiale by Lorenzo Magalotti</i>	
Mariagrazia Russo	145-162
<i>Antonio Albergati, colector em Portugal (1622-1624): uma presença contra a escravidão. Documentos inéditos em bibliotecas romanas / Antonio Albergati, collector in Portugal (1622-1624): a presence against slavery. Unpublished documents in Roman libraries</i>	
Cristina Bravo Lozano - Roberto Quirós Rosado	163-183
<i>Evangelizzare nella tempesta. Fra' Bonaventura d'Alessano, la 'Restauração' in Portogallo e le origini della Missione del Congo / Evangelising in the storm. Friar Bonaventure d'Alessano, the 'Restauração' in Portugal and the origins of the Congo Mission</i>	
Ricardo Bernardes	185-198
<i>Vivat Maestri Scolari: a presença de Giuseppe Scolari e as suas óperas em Lisboa entre 1766 e 1774 / Vivat Maestri Scolari: the presence of Giuseppe Scolari and his operas in Lisbon from 1766 to 1774</i>	
Elfrida Ralha	199-238
<i>João Ângelo Brunelli (1722-1804). Episódios históricos marcados por um matemático bolonhês contratado por D. João V / João Ângelo Brunelli (1722-1804). Historical episodes marked by a Bolognese mathematician hired by D. João V</i>	
Ana Paula Avelar	239-259
<i>A Alteridade na reavistação de um Portugal setecentista. As "Mémoires pour servir à l'histoire de ma vie" de Giuseppe Gorani / The Otherness in</i>	

the re-visitation of a 18th century Portugal. The “*Mémoires pour servir à l’histoire de ma vie*” by Giuseppe Gorani

Focus

Antonio González Valverde - José Javier Ruiz Ibáñez

263-298

El derecho y el azar testamentario: mérito, promoción social, normativa y tiempos en la sucesión del maestro de campo don Juan de Rivas, castellano de Cambrai (1596-1616) / Testamentary law and chance: merit, social promotion, norms and times in the succession of the maestro de campo Don Juan de Rivas, castellan of Cambrai (1596-1616)

Breves notas sobre as cartas lisboetas de Filippo Sassetti (1578-1583)

Brief notes about the Lisbon letters of Filippo Sassetti (1578-1583)

Rui Manuel Loureiro

(Instituto Superior Manuel Teixeira Gomes &
CHAM / FCSH - Universidade NOVA de Lisboa)

Date of receipt: 10/02/2021

Date of acceptance: 14/04/2021

Resumo

Filippo Sassetti viajou para Portugal em 1578. Durante cinco anos residiu em Lisboa, envolvendo-se nos negócios que nesta cidade eram desenvolvidos pela comunidade italiana. O florentino dirigiu regularmente cartas a familiares, amigos e conhecidos residentes em Itália. As quarenta missivas hoje conhecidas são agora objecto de análise cuidada, já que constituem um repositório extraordinário de curiosíssimas notícias não só sobre o próprio Sassetti e o seu círculo de correspondentes, mas também sobre Portugal e o seu império, registadas pela pena de um homem muito indagador e extremamente culto.

Palavras-chave

Filippo Sassetti; Lisboa; Epistolografia; Escrita de viagens; Século XVI; Intertextualidade.

Abstract

Filippo Sassetti traveled to Portugal in 1578. For five years he resided in Lisbon, getting involved in the businesses that were being developed in this city by the Italian communities. The Florentine regularly addressed letters to family, friends and acquaintances residing in Italy. The forty extant missives are now the subject of a careful analysis, since they constitute an extraordinary repository of very curious news not only about Sassetti himself and his circle of correspondents, but also about Portugal and its empire, registered by the pen of a very inquisitive and extremely learned man.

Keywords

Filippo Sassetti; Lisbon; Epistolography; Travel writing; Sixteenth century; Intertextuality.

1. Bibliografia. - 2. Curriculum vitae

Filippo Sassetti não é um nome especialmente conhecido nos meios historiográficos portugueses, que nunca lhe dedicaram especial atenção¹, ao contrário do que sucede em Itália, evidentemente, onde é um personagem bem conhecido e estudado². Recentemente, alguns investigadores mais atentos à história das relações luso-italianas têm destacado a importância da epistolografia sassettiana no âmbito da presença portuguesa, e também europeia em sentido mais lato, na Ásia (Alessandrini, 2007 e 2012; Marccoci, 2015; Baker, 2019; Brege, 2019). Com efeito, o viajante e mercador florentino viveu em Goa durante cinco anos, entre 1583 e 1588, data da sua morte, e daquela cidade indiana escreveu dezenas de cartas mais ou menos extensas a diversos correspondentes italianos, nas quais transmitia notícias de elevado interesse sobre o mundo humano e natural asiático, sobre a sua vida quotidiana em contexto ultramarino, sobre a vasta rede mercantil euro-asiática, e também sobre os mecanismos políticos e culturais da sociedade luso-indiana na qual estava integrado.

A cidade de Goa era então o centro estratégico do chamado *Estado da Índia*, designação atribuída à dispersa constelação de portos, pequenos territórios costeiros, fortalezas e feitorias controlados pela Coroa de Portugal na costa oriental de África e ao longo da Ásia marítima, desde as primeiras décadas do século XVI³. A partir dessa metrópole, Sassetti exerceu diligentemente as suas funções de representante de interesses mercantis italianos e, ao mesmo tempo, funcionou como informador privilegiado sobre o mundo asiático de finais de Quinhentos. A sua formação humanística, associada à experiência de longas viagens marítimas e à vivência em territórios asiáticos, faz dele um observador notável das *coisas do Oriente*. Mas, antes de largar com rumo à Índia, em 1583, Filippo Sassetti viveu outros cinco anos em Lisboa, de onde também remeteu para Itália um alargado conjunto de missivas, dirigidas a familiares, colegas e mestres⁴.

Antes de analisar essa correspondência lisboeta mais em pormenor, contudo, vejamos algumas informações biográficas essenciais. Sassetti nasceu em 1540, na cidade italiana de Florença, numa família de mercadores relativamente abastados. Disfrutou de uma sólida educação humanística, e sabe-se que na sua residência familiar havia especial interesse pela literatura relacionada com viagens, navegações e descobrimentos. Gianbattista Sassetti, o pai de Filippo, era

¹ Durante o século XX, aparentemente, apenas um estudo parcelar lhe foi dedicado: Azevedo, 1932, pp. 97-135.

² Ver o estudo fundamental de Milanesi, 1973, que cita a bibliografia essencial. As notas seguintes contêm algumas actualizações bibliográficas.

³ Sobre Goa no século XVI, ver o estudo de Santos, 1999.

⁴ Para uma abordagem recente destas cartas, ver Loureiro, 2019b.

leitor assíduo das *Navigazioni et Viaggi*, a grande colectânea de relatos de viagem organizada por Giovanni Battista Ramusio, cujo primeiro volume foi publicado em Veneza, em 1550, sendo os outros dois impressos na mesma cidade em 1556 (terceiro volume) e 1559 (segundo volume). Posteriormente, haveria muitas outras reedições destes três volumes, que foram sendo sucessivamente actualizados e alargados⁵. Os volumes de Ramusio seriam, durante muitas décadas, a mais importante e mais sistemática recolha europeia de escritos sobre viagens ultramarinas⁶.

Em 1556, o pai Sasseti ofereceu aos filhos (Filippo e o irmão Francesco) uma transcrição manuscrita, por si comentada, de um texto extraído do primeiro volume das *Navigazioni et Viaggi*, o ensaio ‘sopra il crescere del fiume Nilo’ (ou seja, ‘sobre as cheias do rio Nilo’), da autoria do médico e humanista Gerolamo Fracastoro, um dos colaboradores de Ramusio⁷. Tratava-se de um problema geográfico de extrema actualidade, que despertava a atenção de determinados meios humanísticos italianos, e que era especialmente enigmático pela circunstância de não se conhecerem na Europa dados concretos sobre as fontes do grande rio que corria em território egípcio⁸. O comentário do pai Sasseti estava repleto de referências eruditas, com menções a Aristóteles, Dioscórides, Galeno, Dante, Petrarca, Boccaccio, e outros, transmitindo uma ideia clara do tipo de requintada educação de que os dois filhos teriam beneficiado⁹. Assim, o fascínio de Filippo Sasseti tanto pelos temas geográfico-culturais como pelas terras exóticas datará certamente da sua juventude, desenvolvendo-se paralelamente às suas diversas atividades nas empresas comerciais da família.

Por volta de 1564, quando contava 24 anos de idade, Sasseti conseguiu de alguma forma libertar-se das suas ocupações mercantis e passou a dedicar-se a tempo inteiro aos estudos humanísticos. Quatro anos mais tarde inscrevia-se na universidade de Pisa, e durante alguns anos trabalhou com diversos mestres activos naquele importante centro universitário italiano. E entre estes, o famoso humanista Pier Vettori, que entre muitos outros assuntos era especialista em filologia grega e sobretudo na obra de Aristóteles¹⁰. Por influência deste mestre, Sasseti dedicou-se ao estudo do filósofo grego e à tradução de uma das suas

⁵ Ver o estudo de Parks, 1967-1970. Para uma edição moderna da colectânea ramusiana, ver Ramusio, 1978-1988.

⁶ Sobre a colectânea de Ramusio, ver a tese de doutoramento de Lejosne, 2016.

⁷ Ver uma edição moderna deste texto de Fracastoro em Ramusio, 1978-1988, vol. II, pp. 387-428.

⁸ Ver, a respeito desta questão, Wolff, 2003.

⁹ O manuscrito de Gianbattista Sasseti foi parcialmente publicado em Milanese, 1973, pp. 94-98.

¹⁰ A respeito de Vettori e seus discípulos, ver Mouren, 2007.

obras. Entretanto, Pier Vettori tinha visitado a Península Ibérica na sua juventude, e escrevera mesmo uma obra, que teve bastante sucesso editorial, sobre o cultivo da oliveira, o *Trattato delle lodi et della coltivatione degl'Vliui*, primeiro impresso em Florença, em 1569. Mais tarde, Sasseti citará esta obra do seu mestre numa das cartas que escreveu de Lisboa (Sasseti, 1970, p. 216), pelo que não é impossível que Vettori lhe tivesse despertado o interesse pelos assuntos ibéricos.

Outros mestres de Sasseti em Pisa foram o médico e naturalista Andrea Cesalpino, que fora director do jardim botânico daquela cidade italiana, e o médico Francesco Buonamici, que era professor de filosofia natural¹¹. Com eles, Sasseti desenvolveu um acentuado interesse pelo meio ambiente e pela história natural, que estará presente em muitos dos seus escritos posteriores. O jovem Sasseti rapidamente ganhou reputação como letrado, e parecia destinado a uma carreira na área das letras, totalmente dedicada ao estudo, ao debate e à escrita, pois desde logo começou a redigir eruditas cartas, panfletos e tratados, que circularam em manuscrito nos círculos humanistas de Florença. Entre muitos outros temas, interessou-se pelos fenómenos naturais (e sobretudo pela meteorologia), pela botânica (e nomeadamente pela utilização medicinal das plantas), e também pela língua e pela literatura italianas.

Conhecem-se hoje cinquenta e quatro cartas de Filippo Sasseti, de extensão variada, escritas em Itália entre 1570 e 1578¹². As cartas italianas eram sobretudo dirigidas a familiares, a colegas de estudo e a alguns dos seus mestres universitários. O principal destinatário, a quem foram dirigidas vinte e nove destas missivas, era Lorenzo Giacomini, primo de Sasseti e autor de uma obra humanística muito variada¹³. Estas cartas estavam repletas de referências eruditas, e nelas se discutiam muitos dos temas estudados na universidade de Pisa, como a filologia, a filosofia natural, a botânica, a astronomia, a literatura, e outros. Não será aqui abordado este conjunto epistolar em pormenor, mas interessa notar que Sasseti assume por completo esta prática, tão em voga entre os humanistas do seu tempo, de utilizar as cartas não só para comunicar assuntos de foro pessoal ou particular, mas também para se envolver em discussões eruditas com os seus pares. O século XVI assistiu à formação de vastas redes de correspondência entre eruditos interessados em temas afins, que trocavam entre si cartas, manuscritos e impressos de forma mais ou menos intensa¹⁴.

¹¹ Sobre Cesalpino, ver Bellorini, 2016; sobre Buonamici, ver Helbing, 1986.

¹² Estas cartas estão coligidas em Sasseti, 1970, pp. 31-209.

¹³ Sobre Giacomini, ver Blocker, 2016, pp. 38-52.

¹⁴ A respeito da importância da correspondência nesta época, ver Bethencourt - Egmond, eds., 2007; e também Findlen - Sutherland, eds., 2019.

Entretanto, alguma coisa se terá alterado nas circunstâncias de Sassetti, pois por volta de 1577 ele estava de regresso aos negócios familiares, assumindo agora um papel de ‘mercador-letrado’, ou seja, dedicando-se ao comércio, mas não esquecendo as suas preocupações literárias. Neste mesmo ano, Sassetti redigiu um *Ragionamento sul commercio tra la Toscana e le nazione levantine*¹⁵. Tratava-se de um relatório que fazia a apologia do desenvolvimento de relações comerciais regulares entre Florença e o império otomano. Aparentemente, a redacção deste tratado por Sassetti – talvez uma encomenda dos círculos governamentais toscanos – terá sido motivada pela estratégia florentina de transformar o porto de Livorno numa escala do tráfico internacional de especiarias¹⁶. É decerto que a família Sassetti estaria interessada nestes potenciais desenvolvimentos.

O *Ragionamento* era dedicado a Bongianni Gianfigliuzzi, um cavaleiro de Malta, personagem assaz curioso, que participara na batalha de Lepanto em 1571, e que estivera cativo diversos anos em Constantinopla, para onde foi depois enviado como embaixador, em 1578¹⁷. Alguns anos mais tarde, este mesmo Bongianni Gianfigliuzzi viria a ser embaixador do ducado da Toscânia junto de Felipe II. Numa carta mais tardia, Sassetti comparará Constantinopla com Lisboa, e provavelmente estaria a basear-se em informações recolhidas junto deste cavaleiro de Malta, pois não há notícia de que tenha visitado a grande metrópole das margens do Bósforo (Sassetti, 1970, pp. 248 e 400). Apesar de ter escrito um relatório sobre o império otomano em 1577, Filippo Sassetti não viajou para Constantinopla com o seu amigo Bongianni Gianfigliuzzi, como seria expectável, mas antes em sentido totalmente contrário. Nos primeiros meses de 1578, com efeito, partia de Florença para a Península Ibérica, na companhia de Pietro de’ Medici, o irmão mais novo de Francesco I, o grão-duque da Toscânia¹⁸.

Em finais de 1578 Sassetti já se encontrava em Lisboa, onde fixou residência como representante de casas comerciais florentinas, sobretudo dos Capponi. Sassetti permanecerá em Lisboa até 1582-1583, fazendo, entretanto, algumas viagens a Sevilha, a Madrid e a Medina del Campo, por motivos relacionados com as suas actividades mercantis. As casas comerciais italianas estavam também interessadas nos produtos oriundos das chamadas Índias Ocidentais, que então estavam a ser exploradas e colonizadas pelos espanhóis. Daí o interesse de Sassetti por Sevilha, epicentro deste intenso comércio euro-americano¹⁹. Mas Lisboa era então um dos grandes centros portuários da Europa, que mantinha

¹⁵ O tratado de Sassetti foi publicado em Polidori, ed., 1853.

¹⁶ Ver, sobre esta conjuntura, Carosio - Arfaioli, eds. (2016); e Tazzara, 2017.

¹⁷ A respeito deste personagem, ver Ilg, 2016.

¹⁸ Sobre este personagem, ver Volpini, 2010.

¹⁹ A respeito de Sevilha, ver Loureiro, 2018, e a bibliografia aí citada.

relações directas com múltiplos espaços ultramarinos, pois Portugal controlava bases estratégicas no litoral de África, no Brasil, e em numerosas regiões da Ásia marítima. Aportavam regularmente a Lisboa as mais valiosas e mais raras mercadorias exóticas, razão pela qual numerosas casas comerciais europeias mantinham os seus feitores na capital portuguesa²⁰.

Filippo Sassetti chegou a Portugal logo depois do desastre de Alcácer-Quibir, onde em 1578 o exército de el-rei D. Sebastião sofreu uma pesada derrota face a uma aliança de diversos potentados marroquinos, com a morte do próprio monarca²¹; viveu em Lisboa durante o breve reinado do cardeal D. Henrique, regente até à data da sua morte, em 1580²²; assistiu à conquista da cidade pelas tropas espanholas do duque de Alba²³, neste último ano, bem como aos episódios de resistência protagonizados por D. António, Prior do Crato, o principal candidato português à sucessão²⁴; e permanecia na capital portuguesa quando da subida ao trono lusitano do poderoso Felipe II de Espanha. Por isso, o mercador florentino foi uma testemunha privilegiada deste período conturbado da história portuguesa²⁵.

Durante a sua residência em Portugal, e por ocasião das diversas viagens que efectuou a Espanha, Sassetti manteve uma actividade epistolar regular, pois conhecem-se hoje quarenta cartas por ele escritas de diversas cidades ibéricas: seis de Madrid, uma de Sevilha, e trinta e três de Lisboa (Sassetti, 1970, pp.213-373). Provavelmente teria escrito muitas mais, mas apenas estas se conservam, dando uma média de mais ou menos oito cartas por ano. Os destinatários destas missivas eram variados, e incluíam familiares, amigos, colegas de estudo, e personalidades de relevo na vida de Florença, como o grão-duque Francesco I. Mas a maioria das cartas (isto é, trinta e duas) foram dirigidas aos irmãos Baccio e Francesco Valori, seus amigos e companheiros de estudos²⁶. Estas quarenta cartas, evidentemente, são uma fonte de informação de primeira importância, pois Sassetti era um homem extremamente culto, como foi já referido, e era também um observador atento e curioso do mundo que o rodeava. Além do mais, era um estrangeiro numa terra estranha, desde logo especialmente atento às diferenças culturais.

²⁰ Para uma abordagem genérica deste tema, ver Alessandrini, 2013.

²¹ Sassetti, 1970, p. 225: “El re morì, perdessi l’esercito”.

²² *Ibi*, p. 258 “morì Monsignor Arrigo ultimo de’ re portoghesi”.

²³ *Ibi*, p. 273 “dove io mi trovai”.

²⁴ *Ibidem*, “Don Antonio quale finalmente sta in Inghilterra”.

²⁵ Sobre este complicado período da história portuguesa, ver Valladares, 2010.

²⁶ Sobre a família Valori, ver Jurdjevic, 2008.

Não será agora a oportunidade para analisar em grande pormenor todas estas cartas, que estão há anos criticamente editadas num volume que reúne toda a correspondência conhecida de Filippo Sassetti²⁷. Mas valerá a pena destacar, em breves notas, alguns aspectos essenciais, relativamente às cartas de Lisboa. E deve sublinhar-se, antes de tudo, que as cartas de Sassetti ficaram manuscritas na época, e só muito mais tarde começaram a ser impressas. Tal não quer dizer que não tivessem circulado em Itália, pois na realidade as epístolas foram geralmente escritas por Sassetti num estilo muito cuidado, em termos de forma e de conteúdo, pressupondo-se, como era hábito entre os humanistas na época, que seriam circuladas pelo destinatário dentro de um círculo mais ou menos alargado de amigos e colegas.

A primeira carta escrita por Sassetti de Lisboa, a Baccio Valori, em 10 de Outubro de 1578, é especialmente interessante pelo panorama que traça do mundo português²⁸. O viajante italiano ficou impressionado com a dimensão do porto de Lisboa, “grandíssimo”, como ele escreve, e espantava-se com as dimensões do rio Tejo, que considerava um autêntico “braccio di mare”, no qual ancoravam centenas de navios. Já os edifícios lisboetas não o impressionaram por aí além, pois, com excepção do palácio real que se situava junto ao rio, considerava que “Non ha nessuno bello edifizio”. Na sua apreciação, o clima em Portugal, mesmo durante o mês de Outubro, era verdadeiramente abrasador, pois o calor tudo queimava. Reparou que os habitantes de Lisboa comiam sobretudo peixe e, na sua opinião, toda a cidade cheirava a frituras: em “ogni via e in ogni casa è bottega che cuoce e vende pesce ogni giorno e ogn’ora”.

Assinalou Sassetti, talvez com algum exagero, que Portugal não produzia praticamente nada, e que os portugueses viviam daquilo que importavam: “tutti vivono di vettovaglia portataci per mare, o la maggiore parte, ché il paese è sterile e non colto”. Como anotava, até os ovos e as galinhas pareciam vir de fora! Por isso mesmo, havia sempre no porto de Lisboa uma infinidade de navios, “vengono qui navili infiniti”, oriundas da Dinamarca, da Holanda, da Flandres, de Inglaterra, da França, de Itália, de Espanha, e de outras regiões europeias. De resto, Sassetti reparava na abundância de oliveiras por toda a cidade, embora as considerasse muito maltratadas, de forma a desesperar qualquer pessoa que se interessasse pelo cultivo desta planta em particular. Nota-se aqui, decerto, um reflexo da leitura que fizera do tratado que o seu mestre Pier Vettori tinha em tempos dedicado ao cultivo da oliveira, já acima referido.

²⁷ Cf. Sassetti, 1970, *passim*. As cartas de Sassetti, lamentavelmente, nunca foram traduzidas para português.

²⁸ *Ibi*, pp. 216-223, de onde são retiradas as citações que se seguem.

De acordo com a avaliação de Sassetti, a cidade de Lisboa teria na época uns 240 mil habitantes, que se repartiam em três grupos distintos: os cristãos velhos (que por sua vez se dividiam entre fidalgos e gente do povo); os cristãos-novos (que à partida não lhe mereciam grande confiança); e os escravos. A opinião inicial de Sassetti sobre os portugueses, tanto os cristãos velhos como os cristãos-novos, foi extremamente negativa, e mesmo muito anedótica. A respeito dos cristãos velhos, dizia que eram pouco cultos, muito soberbos, extremamente teimosos, e vaidosos em excesso. Mudar a opinião de um português sobre algum assunto, segundo Sassetti, seria sinónimo de algo impossível. Os portugueses eram tão vãos, na sua apreciação, que três quartos das palavras que pronunciavam eram “Vostra mercé”, bem como juramentos “por los Sanctos Evangelios ou “por estas barbas”. Quanto aos cristãos-novos, achava que eram “gente poco meglio che infame, cattivi, perfidi, senza fè, senz’onore o cosa che buona sai”. Mas atribuía-lhes um “intendimento sotilíssimo”, que fazia deles uns negociantes exímios. Os escravos, enfim, mereceram a Sassetti uma cuidada atenção. Eram eles que se ocupavam de todos os trabalhos mais práticos e mais pesados. O observador florentino estimava que estes constituiriam cerca de um terço da população de Lisboa, ou seja, uns 80 mil, o que, face aos dados oriundos de outras fontes, parece algo exagerado²⁹. Os escravos eram oriundos de todas as partes do mundo: africanos, indianos, chineses, japoneses. Apenas do Brasil não vinham escravos, como informa, pois quando os indígenas brasileiros eram escravizados, abandonavam a vontade de viver e rapidamente morriam³⁰.

A parte final desta primeira carta traçava um quadro muito amplo e muito preciso da geografia comercial do império português. Evidentemente, Sassetti estava em Portugal ao serviço de uma casa comercial italiana. Por isso mesmo, dedicava uma especial atenção às redes mercantis que tinham o seu epicentro no porto de Lisboa, e se estendiam em direcção a África, Brasil e Ásia³¹. Em duas páginas, o seu correspondente italiano ficaria com uma ideia da diversidade de produtos que chegavam a Lisboa, incluindo os respectivos valores: das ilhas de Cabo Verde chegavam couro, algodão, açúcar; da fortaleza da Mina, grande quantidades de ouro (em 2 navios, apenas, chegaram 200 mil ducados em barras); do arquipélago de São Tomé e Príncipe, vinha açúcar vermelho (7 milhões de libras); do Brasil, açúcar branco; de Moçambique vinha o marfim; e da Índia, a

²⁹ A respeito da demografia portuguesa nesta época, ver Dias, 1996.

³⁰ Para um confronto com outras descrições de Lisboa, ver Jordan-Gschwend – Lowe, eds., 2015. Para uma outra anónima descrição italiana de Lisboa e de Portugal, exactamente na mesma época, ver Marques, 1987, pp. 127-245 (*Ritratto et riuerso del Regno di Portogallo*); ver sugestão de autoria em Radulet, 1997.

³¹ A respeito desta realidade, ver Loureiro, 2016 e 2019.

pimenta, a canela, o gengibre, a noz-moscada, a maçã, o cravo, as pedras preciosas, as sedas, as porcelanas, e muitos outros produtos.

Nos quatro anos seguintes, até 1582, Sasseti foi aprofundando os seus conhecimentos sobre Portugal e sobre o seu império ultramarino, transmitindo regularmente aos seus correspondentes italianos novas informações, que obtinha quer junto de capitães e pilotos de navios portugueses, quer junto de outros mercadores com quem se cruzava em Lisboa. Vejamos alguns exemplos. Em Fevereiro de 1579, numa carta dirigida a Francesco Bonciani³², falava de um rinoceronte asiático que tivera oportunidade de observar ao vivo, trazido da Índia a bordo das naus portuguesas, “una bestia tanto contrafatta e tanto nuova e così fuori della imaginazione di chi non l’há vedita” (Sasseti, 1970, p. 228). Em Janeiro do ano seguinte, Sasseti discutia as virtudes do marmelo e da marmelada que se comia em Portugal, e as propriedades do mel feito com flores de laranjeiras da serra de Sintra.

Num reflexo tipicamente humanista, tanto mais que se dirigia ao seu antigo mestre Pier Vettori, logo convocava passagens das obras de Virgílio e de Plínio a respeito destes produtos alimentares portugueses³³. Noutra carta do mesmo mês de Janeiro de 1580, desta vez endereçada a Baccio Valori, o mercador florentino fazia referência a diversos produtos exóticos que enviara para Itália, e nomeadamente a umas pedras bezoares de origem asiática, um conhecido antídoto contra venenos, cujas propriedades e formas de utilização descrevia, não se esquecendo de citar os escritos dos naturalistas Galeno e Alberto Magno. Na mesma missiva, Sasseti fazia também alusão ao envio para Florença de um vaso de porcelana chinesa cheio de noz-moscada em conserva³⁴, e mencionava ainda o seu insucesso em adquirir umas aves que por vezes eram trazidas do longínquo arquipélago de Maluco, decerto as famosas aves-do-paraíso³⁵.

A sua atenção aos mais exóticos produtos do comércio ultramarino continua a manifestar-se nas sucessivas cartas que vai remetendo para os seus correspondentes em Florença. Assim, em Junho de 1580 escrevia ao mesmo Baccio Valori a respeito do almíscar, substância odorífera e medicinal oriunda da China³⁶. Na mesma carta, mencionava também diversas madeiras orientais que chegavam regularmente a Lisboa, e nomeadamente o calambuco, cujo aroma considerava “atto a risuscitare un morto” (Sasseti, 1970, p. 252). Em Março de 1583, em carta ao mesmo amigo, referia-se novamente ao calambuco ou pau-de-

³² Sobre este humanista, ver Siekiera, 2014.

³³ Cf. Sasseti, 1970, pp. 243-244.

³⁴ Cf. *ibi*, pp. 246-248.

³⁵ Cf. *ibi*, p. 248.

³⁶ Cf. *ibi*, p. 252.

águila, descrevendo as propriedades desta madeira exótica de origem asiática³⁷. E assim sucessivamente, ia precisando o retrato de Portugal que queria apresentar aos seus diversos correspondentes, com uma grande variedade de informações. Estas notícias, entretanto, eram complementadas por sucessivas encomendas que remetia regularmente para Itália, sobretudo com produtos de origem ultramarina.

Nas cartas de Lisboa, Filippo Sassetti continuou a citar regularmente os livros que recebia, que adquiria ou que mais lhe interessavam. Era um ‘mercador-letrado’, que ao correr da pena ia dando conta da sua erudição e dos seus interesses literários. Por um lado, em algumas das cartas cita obras de tipo humanístico, quando discute com os seus correspondentes assuntos de natureza literária ou filosófica. Assim, aparecem menções regulares a escritos de Aristóteles, Catão, Plauto, Lucrecio, Virgílio, Plínio, Petrarca ou Boccaccio³⁸. Por vezes é mesmo possível identificar as edições que Sassetti teria manuseado, como é o caso da obra de Catão, o Velho, preparada por Pier Vettori, seu antigo mestre, *De re rustica libri*, que foi impressa em Lyon em 1541³⁹; ou como as *Annotationi et discorsi sopra alcuni luoghi del Decameron*, editadas em Florença em 1574, sob a coordenação do humanista Vincenzo Borghini, outro dos seus conhecidos⁴⁰.

Por outro lado, encontram-se também referências nas cartas de Sassetti a livros que este adquiriu em Portugal ou em Espanha, e de certo modo relacionados com a expansão ibérica. E estes são decerto os mais curiosos, já que representam a abertura de um homem de formação humanística aos novos saberes resultantes das grandes viagens de exploração. Em finais de 1579, escrevendo a Francesco Bonciani, referia as suas leituras de “qualche libretto delle novità d’India, del Verzino e della China”. E acrescentava que, enquanto lia estas obras, sonhava com o momento em que poderia “andarle là a vedere e toccare e scrivere” (Sassetti, 1970, p. 240). Não é complicado identificar estas leituras, que revelam um Sassetti atento às novidades editoriais referentes aos mundos ultramarinos.

Assim, o mercador florentino referia-se sucessivamente a alguma das várias colectâneas de cartas jesuítas que foram impressas em Portugal depois de meados do século XVI⁴¹; ao tratado descritivo sobre o Brasil de Pêro de Magalhães de Gândavo, intitulado *Historia da prouincia sãcta Cruz a que vulgarmente chamamos*

³⁷ Cf. *ibi*, p. 366.

³⁸ Cf. *ibi*, 1970, pp. 225, 229, 226, 232, 234, 243, 243, 276, 352. Sobre a faceta humanista de Sassetti, ver Milanesi, 1973, pp. 53-77; e Blocker, 2010-2011.

³⁹ Cf. Sassetti, 1970, p. 234.

⁴⁰ Cf. *ibi*, p. 276. Sobre Borghini, ver Beloni - Drusi, eds., 2002.

⁴¹ Ver uma listagem das edições de cartas jesuítas em Garcia, 1994, pp. 234-243.

Brasil, que saiu dos prelos em Lisboa, em 1576⁴²; e ao *Tractado das cousas da China*, de frei Gaspar da Cruz, que foi publicado em Évora em 1569-1570, por um dominicano que anos antes visitara a cidade chinesa de Cantão. Esta última obra, aliás, é citada expressamente por Sasseti numa carta de Junho de 1580, quando se refere ao método de fabrico da porcelana⁴³. Também o movimento de expansão europeia em direcção do Novo Mundo lhe mereceu alguma atenção, e terá adquirido, durante uma passagem por Sevilha, um exemplar da obra do médico Nicolás Monardes, provavelmente a *Primera y segunda y tercera partes de la historia medicinal*, impressa em Sevilha em 1574, que Sasseti cita implicitamente a respeito da pedra bezoar e que refere como “um libreto in língua castigliana” (Sasseti, 1970, p. 247)⁴⁴. E aludirá numa das suas cartas, anos mais tarde, ter lido em Lisboa “in lingua franzese una storia d’uno Andrea Tevet” (Sasseti, 1970, p. 424). Referia-se, muito provavelmente, ao tratado que o cosmógrafo francês André Thevet dedicou ao Novo Mundo, *Les Singularitez de la France Antarctique, autrement nommée Amerique*, que foi publicado em Paris, em 1557-1558⁴⁵.

Curiosamente, algumas das missivas lisboetas de Sasseti mencionam outros viajantes italianos que de alguma forma se relacionaram com os espaços ultramarinos orientais frequentados pelos portugueses. Bastará citar dois exemplos. Por um lado, o florentino refere-se repetidamente a Antonio Carletti, um seu conterrâneo que em finais de 1582 estava em Lisboa, de partida para Itália. Aparentemente, Carletti acabara de chegar ao Tejo a bordo de uma nau designada como “*Sant’Antonio*”, e Sasseti entregou-lhe uma encomenda dirigida a Baccio Valori, constituída por um cofre com calambuco e por um tecido indiano de algodão que refere como ‘canichino’ (Sasseti, 1970, pp. 331 e 336). Antonio Carletti era pai de Francesco Carletti, um jovem florentino que poucos anos mais tarde, em 1593, partiria de Sevilha, acompanhado pelo pai, num longuíssimo périplo que eventualmente o levaria a efectuar a circum-navegação do globo⁴⁶. Por outro lado, Sasseti menciona um seu conhecido de Florença, “Messer Batista Vecchietti”, que em finais de 1582 lhe escrevia uma carta para Lisboa, anunciando que estava de partida para o Oriente, pela via de “Alessandria d’Egitto”, e combinando um encontro “di là di que’ paesi” (Sasseti, 1970, 341). Giovan Battista Vecchietti, juntamente com o seu irmão Gerolamo, viajaram efectivamente através da Ásia, estanciando nomeadamente na ilha de Ormuz,

⁴² A respeito deste tratado, ver Gândavo, 2004.

⁴³ Cf. Sasseti, 1970, p. 251. Sobre a obra do dominicano português, ver Cruz, 2010.

⁴⁴ Sobre Monardes, ver Guerra, 1961; e também Beecher, 1997.

⁴⁵ A respeito do cosmógrafo francês e desta obra, ver Thevet, 1997.

⁴⁶ Ver uma edição moderna do relato do viajante florentino, que na época ficou manuscrito, em Carletti, 1987.

que era então controlada pelos portugueses. Giovan Battista Vecchietti, como prometido, encontrar-se-ia com Sassetti em Goa, anos mais tarde⁴⁷.

Nesta brevíssima abordagem a Filippo Sassetti, não é possível aprofundar ainda mais a análise das suas cartas de Lisboa. Mas é importante referir um outro núcleo informativo que nelas é desenvolvido. Uma vez chegado a Portugal, Sassetti decidiria eventualmente viajar para Oriente, a bordo de um dos navios portugueses da *carreira* da Índia, que anualmente faziam a ligação com os portos de Cochim e Goa. Com essa intenção em mente, o florentino foi recolhendo em Lisboa informações sobre a viagem e foi adquirindo instrumentos náuticos. Tinha uma bússola e vários astrolábios de latão e de madeira, por exemplo, e adestrava-se diariamente no seu uso, como escrevia em Junho de 1580 a Francesco Valori: “Ho similmente veduto dell’uso di quella mia girella” (Sassetti, 1970, p. 259). Embora não lhe faça referência explícita, não é improvável que conhecesse o *Tratato dell’Uso et della Fabrica dell’Astrolabio*, que fora publicado pelo cosmógrafo Egnazio Danti em Florença, em 1569⁴⁸. Entretanto, Sassetti foi consultando outras obras sobre questões ligadas à navegação e à cosmografia. Na mesma carta dirigida a Francesco Valori, refere um popular manual de astronomia do matemático francês Oronce Finé que adquirira, “la sfera d’Oronzio” (Sassetti, 1970, p. 258), uma referência ao *De mundi sphaera, sive cosmographia*, primeiro impresso em Paris em 1532⁴⁹. E em inícios de 1582, por ocasião de uma deslocação a Madrid, comprou “um Tolomeo comentato e con annotazioni d’un Michelle Villanova” (Sassetti, 1970, p. 367), ou seja, uma *Geografia* de Ptolomeu, numa edição da década de 1530, da responsabilidade de Miguel Servet⁵⁰.

Em Abril de 1582, finalmente, Filippo Sassetti embarcou numa das naus da armada que nesse ano largava de Lisboa com rumo à Índia, nau essa que era capitaneada por António de Melo e Castro. Mas a viagem não correu da melhor forma e, depois de encontrar grandes calmarias e de atingir o litoral do Brasil, o navio regressou ao porto de partida cinco meses mais tarde. Sassetti escreveu uma carta a Baccio Valori em Setembro de 1582, relatando a fracassada viagem com enorme detalhe (Sassetti, 1970, pp. 314-316). Curiosamente, o mercador florentino prestava especial atenção às questões de navegação astronómica: descrevia o Cruzeiro do Sul, “che si vede dalla banda di mezzogiorno”; comentava a variação da agulha magnética, observando que a “calamita è uno strano strumento per la sua varietà, della quale è difficil cosa a trovare la causa”; queixava-se da dificuldade em obter medidas rigorosas a bordo de um navio em

⁴⁷ Cf. Sassetti, 1970, p. 547. A propósito dos irmãos Vecchietti, ver Bernardini, 2011.

⁴⁸ Sobre as obras de Danti, ver Rosen, 2015.

⁴⁹ A respeito de Finé, ver Marr, ed., 2009.

⁵⁰ Sobre Servet, ver Hernando Rica, 2006.

constante movimento, comentando “in nave è impossibile il fare osservazione nessuna”; e exprimia as suas dúvidas sobre a possibilidade de medir a longitude através da declinação da agulha, afirmando peremptoriamente que “per farne regola per trovare la longitudine, come molti si stimano, è impossibile” (Sasseti, 1970, p. 315). Ou seja, Sasseti mostrava-se perfeitamente informado sobre alguns dos problemas mais candentes que eram enfrentados pelos navegadores portugueses da *carreira* da Índia⁵¹.

Alguns meses mais tarde, em Março de 1583, ainda em Lisboa, Sasseti escreveu uma carta ainda mais longa a outro dos seus amigos, Francesco Buonamici, na qual reflectia novamente sobre a fracassada viagem para a Índia (Sasseti, 1970, pp. 352-365). Mas desta vez fazia-o como um humanista, pois relembra a obra de Aristóteles sobre a *Meteorologia*, que estudara em Pisa, para discutir os fenómenos naturais que tivera oportunidade de observar durante a travessia do Atlântico: a chuva, as calmarias, os ventos, a luz, as marés, etc.⁵². Provavelmente teria consigo uma das edições da obra aristotélica preparada por Francesco Vimercato, *In quatuor libros Aristotelis Meteorologicorum Comentarium*, primeiro impressa em Paris em 1556, e à qual se referira numa das suas cartas de juventude (Sasseti, 1970, p. 82)⁵³. Sasseti mencionava também, a propósito da fauna marinha que pudera observar durante a viagem, a obra “dal Rondoletto” (Sasseti, 1970, p. 361), uma alusão ao naturalista francês Guillaume Rondelet, autor de *De piscibus marinis*, obra publicada em Lyon em 1553-1554⁵⁴. Pouco depois de escrever esta carta, Filippo Sasseti embarcou novamente na mesma nau, com o mesmo capitão António de Melo e Castro, a caminho da Índia. E desta vez chegaria efectivamente a Cochim a salvamento, para se estabelecer em Goa, onde viria a falecer em 1588⁵⁵. Curiosamente, na mesma armada de 1583 embarcara também o viajante neerlandês Jan Huygen van Linschoten, que também residiu durante cinco anos em Goa, trabalhando como secretário do arcebispo de Goa, antes do seu regresso à Europa⁵⁶. Na Índia, Filippo Sasseti continuaria a escrever cartas de forma regular aos seus correspondentes italianos, transmitindo notícias, impressões, reflexões, sobre o mundo oriental. As cartas indianas de Sasseti, que foram editadas autonomamente (Sasseti, 1995), são tão interessantes e tão importantes como as de Lisboa, e constituem uma fonte de

⁵¹ Para uma abordagem destas questões técnicas na *carreira* da Índia, nesta mesma época, ver a obra algo esquecida de Monteiro, 1985.

⁵² Sobre esta problemática, ver Martin, 2019.

⁵³ A respeito de Vimercato, ver Gilbert, 1965.

⁵⁴ A respeito deste ictiologista, ver Barthe, 2017.

⁵⁵ Sobre o período indiano da carreira de Sasseti, ver: Boutier, 1994; Alessandrini, 2007; Karl, 2008; Alessandrini, 2012; Marcocci, 2015; Karl, 2016; Baker, 2019; e Brege, 2019.

⁵⁶ Ver relato da viagem em Linschoten, 1996, pp. 73-79.

primeira ordem sobre o *Estado da Índia* e sobre o mundo asiático na década de 1580.

As cartas de Lisboa, como se pode comprovar, possibilitam diversas abordagens complementares, dando a conhecer as impressões de Sasseti sobre Portugal e os portugueses, as suas leituras e interesses, e também o conteúdo da sua biblioteca, o seu círculo de correspondentes e as interacções entre todos eles, as suas observações sobre o mundo que o rodeava, as suas actividades mercantis, os seus projectos e ambições, enfim, o seu desenvolvimento cosmopolitismo, que parece desabrochar na grande metrópole portuguesa (e mais tarde, na Índia), perante a novidade imensa dos novos mundos ligados pelas grandes navegações lusitanas. O valor documental das missivas sassetianas tem sido comprovado por diversos investigadores, mas elas continuam a ser relativamente pouco conhecidas, quer dos especialistas, quer do público culto em geral. Por isso, e à guisa de conclusão destas breves notas sobre as cartas lisboetas de Filippo Sasseti, aqui fica o apelo para que algum italianista se abalance na tradução para português da epistolografia do mercador e humanista florentino, a fim de lhe dar a divulgação que de facto merece em Portugal, como fonte de primeira ordem sobre um período especialmente complexo da história portuguesa d'aquém e d'além-mar.

1. Bibliografia

- Alessandrini, Nunziatella (2007) 'Images of India through the Eyes of Filippo Sasseti, a Florentine Humanist Merchant in the 16th Century', in Harris, Mary N.- Lévai, Csaba (eds.), *Sights and Insights: Interactive images of Europe and the wider world*. Pisa: Edizioni Plus / Pisa University Press, pp. 43-58.
- (2012) 'Goa "principal terra d'India" nas cartas de Filippo Sasseti', in Teodoro de Matos, Artur - Teles e Cunha, João (eds.), *Goa: Passado e Presente*. Vol. II, Lisboa: CEPCEP / CHAM, , pp. 629-640.
- (2013) 'Vida, história e negócios dos mercadores italianos no Portugal dos Filipes', in Cardim, Pedro - Soares da Cunha, Mafalda - Freire Costa, Leonor (eds.), *Portugal na Monarquia Espanhola - Dinâmicas de integração e de conflito*. Lisboa: CHAM / CIDEHUS-Universidade de Évora / GHES-UTL, pp. 107-134.
- Azevedo, João Lúcio de (1932) *Novas Epanáforas: Estudos de História e Literatura*. Lisboa: Livraria Clássica.
- Baker, Nicholas Scott (2019) "'Tutto il mondo è paese" - Locating Florence in premodern Asian commerce', in Scott Baker, Nicholas - Jeffrey Maxson, Brian

- (eds.), *Florence in the Early Modern World: New Perspectives*. London: Routledge, pp. 50-67.
- Barthe, Pascale (2017) 'Guillaume Rondelet's Monkfish, or Natural History as Social Network', in Persels, Jeff - Tarte, Kendall - Hoffmann, George (eds.), *Itineraries in French Renaissance Literature*. Leiden: Brill, pp. 377-397.
- Beecher, Donald (1997). 'The Book of Wonders of Nicolas Monardes of Seville', *Cahiers Elisabethains*, 51, pp. 1-14.
- Bellorini, Cristina (2016) *The World of Plants in Renaissance Tuscany*. Abingdon, Oxon: Routledge.
- Belloni, Gino - Drusi, Riccardo (eds.) (2002) *Vincenzo Borghini: filologia e invenzioni nella Firenze di Cosimo I*. Firenze: Leo S. Olschki.
- Bernardini, Michele (2011) 'Giovan Battista and Gerolamo Vecchietti in Hormuz', in Matthee, Rudi - Flores, Jorge (eds.), *Portugal, the Persian Gulf and Safavid Persia*. Leiden: Peeters, pp. 265-281.
- Bethencourt, Francisco - Egmond, Florike (eds.) (2007) *Correspondence and Cultural Exchange in Europe, 1400-1700*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Blocker, Déborah A. (2010-2011) 'Le lettré, ses pistole et l'académie: comment faire témoigner les lettres de Filippo Sassetti, *accademico Alterato?*', *Littératures classiques*, 71, pp. 29-66.
- (2016) 'Pro or/and anti-Medici? Political ambivalence and social integration in the Accademia degli Alterati (Florence, 1569-ca 1625)', in. Everson, Jane E - Reidy, Denis V. - Sampson, Lisa (eds.), *The Italian Academies 1525-1700: Networks of Culture, Innovation and Dissent*. Cambridge: Modern Humanities Research Association / Routledge, pp. 38-52.
- Boutier, Jean (1994) 'Les habits de l'"Indiatico". Filippo Sassetti entre Cochin et Goa (1583-1588)', in *Actes du colloque international 'Découvertes et explorateurs'*. Paris: L'Harmattan, pp. 157-166.
- Brege, Brian (2019) 'A Florentine humanist in India: Filippo Sassetti, Medici agent by annual letter', in Findlen, Paula - Sutherland, Suzanne (eds.), *The Renaissance of Letters: Knowledge and Community in Italy, 1300-1650*. Abingdon, Oxon: Routledge, 19 pp.
- Carletti, Francesco (1987) *Ragionamenti del mio viaggio intorno al mondo*. Ed. Adele Dei. Milano: Mursia.

- Caroscio, Marta - Arfaioli, Maurizio (eds.) (2016) *The Grand Ducal Medici and the Levant*. Turnhout: Brepols.
- Cruz, Gaspar da (2010) *Tratado das coisas da China*. (ed.) Rui Manuel Loureiro. Lisboa: Sociedade Editora de Livros de Bolso.
- Dias, João José Alves (1996) *Gentes e Espaços: Em torno da população portuguesa na primeira metade do século XVI*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian / JNICT.
- Findlen, Paula - Sutherland, Suzanne (eds.) (2019) *The Renaissance of Letters: Knowledge and Community in Italy, 1300-1650*. Abingdon, Oxon: Routledge.
- Gândavo, Pêro de Magalhães de (2004) *A Primeira História do Brasil*. ed. Sheila Moura Hue - Ronaldo Menegaz. Lisboa: Assírio & Alvim.
- Garcia, José Manuel (1994) *Ao Encontro dos Descobrimentos: Temas de História da Expansão*. Lisboa: Editorial Presença, pp. 234-243.
- Gilbert, N. W. (1965) 'Francesco Vimercate of Milan: A bio-bibliography'. *Studies in the Renaissance*, 12, pp. 188-217.
- Guerra, Francisco (1961) *Nicolas Bautista Monardes: su vida y su obra*. México: Compañía Fundidora de Fierro e Acero de Monterrey.
- Helbing, Mario O. (1986) *La Filosofia di Francesco Buonamici, professore di Galileo a Pisa*. Pisa: Nistri-Lischi.
- Hernando Rica, Agustín (2006) 'La reforma de la mirada: Logos y retórica en la *Geographia* de Ptolomeo (1535)', *Ería*, 69, pp. 5-33.
- Ilg, Ulrike (2016) 'Visiting the "Serraglio del Gran Signore": Medici Diplomacy and Cross-Cultural Contacts during the Rule of Francesco I', in Caroscio, Marta - Arfaioli, Maurizio (eds.), *The Medici and the Levant: Interlacing Cultures from Florence to the Eastern Mediterranean (1532-1743)*. Turnhout: Brepols, pp. 87-99.
- Jordan-Gschwend, Annemarie - Lowe, Kate J. P. (eds.) (2015) *The Global City: On the Streets of Renaissance Lisbon*. London: Paul Hobertson Publishing.
- Jurdjevic, Mark (2008) *Guardians of Republicanism: The Valori Family in the Florentine Renaissance*. Oxford: Oxford University Press.
- Karl, Barbara (2008) "'Galanterie di cose rare...". Filippo Sassetti's Indian Shopping List for the Medici Grand Duke Francesco and His Brother Cardinal Fernando', *Itinerario*, 32, pp. 23-41.

- (2016) 'Gardening in Goa: Filippo Sassetti's Experiences with Indian Medicine and Plants', in Anderson, Christina M. (ed.), *Early Modern Merchants as Collectors*. London: Routledge, pp. 63-79.
- Lejosne, Fiona (2016) *Giovanni Battista Ramusio et la constitution d'un savoir géographique à Venise au XVIe siècle*. Lyon: Université de Lyon, <<https://tel.archives-ouvertes.fr/tel-02375323v2>>.
- Linschoten, Jan Huygen van (1996) *Itinerário, Viagem ou Navegação de Jan Huygen van Linschoten para as Índias Orientais ou Portuguesas*. Ed. Pos, Arie - Loureiro, Rui Manuel. Lisboa: Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses.
- Loureiro, Rui Manuel (2016) 'Algumas notas sobre as cargas de retorno da carreira da Índia no porto de Lisboa', *Revista Rossio - Estudos de Lisboa*, 7, pp. 81-91.
- (2018) 'Sevilla como centro de recogida y tratamiento de información sobre las Indias Orientales, 1650-1580', in Iglesias Rodríguez, Juan José - García Bernal, José Jaime - Díaz Blanco, José Manuel (eds.), *Andalucía en el mundo atlántico moderno: Ciudades y redes*. Madrid: Sílex, pp. 439-452.
- (2019) 'A Expansão Portuguesa e o estabelecimento de novas rotas mercantis', *Argos - Revista do Museu Marítimo de Ílhavo*, 7, pp. 79-84.
- (2019b) 'As cartas de Lisboa de Filippo Sassetti, 1578-1583', *Memórias da Academia de Marinha*, 49, pp. 641-649.
- Marcocci, Giuseppe (2015) 'Renaissance Italy meets South Asia: Florentines and Venetians in a Cosmopolitan World', in Lefèbvre, Corinne - Zupanov, Ines G. - Flores, Jorge (eds.), *Cosmopolitismes en Asie du sud: Sources, itinéraires, langues (XVI^e-XVIII^e siècles)*. Paris: Éditions de l'École des hautes études en sciences sociales, pp. 45-69.
- Marques, A. H. de Oliveira (1987) *Portugal Quinhentista*. Lisboa: Quetzal Editores.
- Marr, Alexander (ed.) (2009) *The Worlds of Oronce Fine: Mathematics, Instruments and Print in Renaissance France*. Donington, Lincolnshire: Shaun Tyas / Paul Watkins Publishing.
- Martin, Craig (2019) 'Astrological Debates in Italian Renaissance Commentaries on Aristotle's *Meteorology*', *Early Science and Medicine*, 24, pp. 311-339.
- Milanesi, Marica (1973) *Filippo Sassetti*. Firenze: La Nuova Italia Editrice.
- Monteiro, Joaquim Rebelo Vaz (1985) *Uma Viagem Redonda da Carreira da Índia (1597-1598)*. Coimbra: Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra.

- Mouren, Raphaële (2007) 'Un professeur de grec et ses élèves: Piero Vettori (1499-1585)', *Lettere italiane*, 59 (4), pp. 473-506.
- Parks, George B. (1967-1979) 'The Contents and Sources of Ramusio's *Navigazioni*', in Gian Battista Ramusio, *Navigazioni et viaggi: Venice, 1563-1606*, ed. Skelton, R. A. - Parks, George B. vol. I, Amsterdam: Theatrum Orbis Terrarum, pp. 1-39.
- Polidori, Filippo-Luigi (ed.) (1853) 'Sul commercio tra la Toscana e le nazioni levantine: Ragionamento di Filippo Sassetti (1577)', *Archivio Storico Italiano*, 9, pp. 169-188.
- Radulet, Carmen (1997) 'Um retrato italiano do Reino de Portugal no século XVI', *Mare Liberum*, 14, pp. 99-114.
- Ramusio, Giovanni Battista (1978-1988) *Navigazioni e Viaggi*. Ed. Marica Milanese, 6 vols. Torino: Einaudi.
- Rosen, Mark (2015) *The Mapping of Power in Renaissance Italy: Painted Cartographic Cycles in Social and intellectual Context*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Santos, Catarina Madeira (1999) *Goa é a chave de toda a Índia: Perfil político da capital do estado da Índia*. Lisboa: Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses.
- Sassetti, Filippo (1970) *Lettere da vari paesi, 1570-1588*. Ed. Vanni Bramanti. Milano: Longanesi & C.
- (1995) *Lettere dall'India (1583-1588)*. Ed. Adele Dei. Roma: Salerno Editrice.
- Siekiera, Anna (2014) 'Ancora sull'Accademia degli Alterati: il *Trattato di lingua toscana* di Francesco Bonciani', *Quaderni Veneti*, 3 (1-2), pp. 89-96.
- Tazzara, Corey (2017) *The Free Port of Livorno and the Transformation of the Mediterranean World, 1574-1790*. Oxford: Oxford University Press.
- Thevet, André (1997) *Le Brésil d'André Thevet: Les Singularités de la France Antarctique (1557)*. Ed. Frank Lestringant. Paris: Éditions Chandeigne.
- Valladares, Rafael (2010) *A Conquista de Lisboa (1578-1583): Violência militar e comunidade política em Portugal*. Lisboa: Texto.
- Volpini, Paola (2010) 'Pietro e i suoi fratelli. I Medici fra politica, fedeltà dinastica e corte spagnola', *Cheiron*, 53-54, pp. 127-162.
- Wolff, Anne (2003) *How Many Miles to Babylon? Travels and Adventures to Egypt and Beyond, from 1300 to 1640*. Liverpool: Liverpool University Press.

2. Curriculum vitae

Rui Manuel Loureiro é doutorado em História pela Universidade de Lisboa. Investigador do CHAM (Universidade Nova de Lisboa), tem-se especializado nos contactos culturais entre Portugal e o mundo asiático nos séculos XVI e XVII, área em que tem publicado muitas dezenas de trabalhos académicos. É também professor do Instituto Superior Manuel Teixeira Gomes, em Portimão, e membro emérito da Academia de Marinha.

Rui Manuel Loureiro holds a PhD in History from the University of Lisbon. Researcher at CHAM (New University of Lisbon), he specialized in the history of cultural contacts between Portugal and the Asian world in the 16th and 17th centuries, an area in which he has published widely. He is also a professor at the Instituto Superior Manuel Teixeira Gomes, in Portimão, and emeritus member of the Academia de Marinha.

© Copyright: Author(s).

Gli autori che pubblicano con *RiMe* conservano i diritti d'autore e concedono alla rivista il diritto di prima pubblicazione con i lavori contemporaneamente autorizzati ai sensi della

Authors who publish with *RiMe* retain copyright and grant the Journal right of first publication with the works simultaneously licensed under the terms of the

“Creative Commons Attribution - NonCommercial 4.0 International License”



Il presente volume è stato pubblicato online il 30 giugno 2021 in:

This volume has been published online on 30th June 2021 at:

<http://rime.cnr.it>

CNR - Istituto di Storia dell'Europa Mediterranea
Via Giovanni Battista Tuveri, 128 - 09129 Cagliari (Italy).
Telefono | Telephone: +39 070403635 / 070403670.
Sito web | Website: www.isem.cnr.it

